

## ELEGIA

### ELEGY

Ana Clara Hatsumi<sup>1</sup>

Ela nascera em um mundo de magia. Magia pulsava como um coração sob a terra úmida das florestas, vertia das árvores como sangue de uma ferida aberta, o ar vibrava magnético e pesado carregado de uma força adormecida. Contudo, o mundo já não era mais o mesmo que o qual ela tinha nascido; a magia morria aos poucos.

Existiam inúmeras teorias a respeito disso; talvez a natureza estivesse recolhendo o que era seu, cansada de séculos de oferta sem qualquer retorno, talvez aquilo fosse um ciclo e como para qualquer criatura viva, a morte era apenas natural. Ela não podia suportar a ideia de que a ordem de seu mundo fosse substituída por uma infinidade de perguntas desmembradas em partes menores diante de um olhar minucioso que não levaria nenhuma resposta para o túmulo.

Ela tinha oito anos quando vira o último dragão; o cadáver estirado sobre as areias da praia, que costumava visitar com a família quando criança, imponente mesmo na morte. O corpo negro se estendia por metros, os olhos abertos verdes e cristalinos eram janelas que carregavam milênios. Ela escondera o rosto na camisa do pai, o choro carregado de soluço e desespero.

Dizia-se que as escamas de dragão carregavam sabedoria e o sangue traria a imortalidade para quem o consumisse. Ela não desejaria a imortalidade nem ao seu pior inimigo, o peso dos anos que tinha lhe eram suficientes. Deveriam ser para todos.

Sua família morava na mesma cidade havia séculos, geração atrás de geração com raízes fixas sob aquele solo como as árvores que via da janela de seu quarto. A velha casa da família mantinha-se firme sob um solo instável, o único pilar com a face desnuda contra todas as mudanças que o cercavam, a natureza o abraçando com mãos poderosas.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português/Inglês pela instituição UFMS. Realizou pesquisa de iniciação científica na área de Literatura e Gênero. Atualmente pesquisa Literatura Comparada e Tradução. Tem interesse nas áreas: Literatura e Gênero, Literatura Comparada e Teoria Literária.

Morar naquele lugar fazia-a ter certeza de que não suportava a incerteza, apreciava ter apenas o conhecido sob seus olhos.

Conhecera tudo, viajara pelo mundo envolvendo com as mãos tudo o que estivesse a seu alcance, mas sempre voltava às mesmas paredes, o mesmo cheiro da chuva da manhã sob a grama de sua varanda. Via a si mesma como uma infinidade de contradições, apreciava contrastes acentuados, amava com a mesma intensidade as festas de suas viagens, com os sons reverberando alto, a fumaça e lábios desconhecidos como amava a vitrola tocando sua melodia suave de madrugada, com a taça de vinho repousando na mesa da sala de estar ao seu lado.

Morava sozinha em uma casa imensa e não se sentia solitária, apegara-se ao silêncio e a familiaridade que era ter para si o lar em que crescera. Com a morte do irmão e o casamento das irmãs, a ausência de som lhe era uma constante. Percebia em si uma inabilidade de se desvencilhar de certos hábitos; ainda pulava o terceiro degrau que rangia da escada, como se fosse a mesma jovem que evitava fazer barulho para fugir de casa de madrugada. Talvez algo em seu âmago nunca mudaria.

Tinha para si o que sempre acreditaria que tivesse; uma espécie de liberdade infinita. Recusara alguns pedidos de casamento ao longo da vida, dividira a cama com homens e mulheres, mas nunca por mais de poucas décadas. A longevidade que costumava ser característica à sua família talvez não fosse compartilhável, sentia-se como o dragão da praia de sua infância; andava sozinha.

Além da casa e dos longos anos, herdara também a predisposição para a premonição. Lembrava de sua tia que lia palmas de mão e folhas de chá na mesa da cozinha como se fossem páginas de um livro escrito em uma língua familiar, uma vez anunciara em um jantar de família que sua irmã se casaria em dois anos, e foi o que acontecera.

Para sua mãe, o futuro vinha em ondas pesadas, o mar em ressaca puxava-lhe sem piedade por alguns instantes, as mãos geladas e o olhar ausente os sinais visíveis daquele embate. Ela raramente lhe contava o que via. A memória da mãe ficaria gravada em sua mente como uma figura silenciosa e imponente, confidenciando em voz baixa à sua irmã mais nova o que os olhos lhe traziam como oferta.

Ela, no entanto, sonhava. Com doze anos sonhara com a morte da filha do leiteiro, um dia depois encontraram seu corpo gélido no lago, de lábios púrpura, o fio da vida recém cortado. Aquilo lhe tirara o sono por dias. O nascimento da sobrinha também viera-lhe em sonho, ela segurara a mão da irmã do meio durante o parto, sorrindo como que pela segunda vez. Vida e morte caminhavam de mãos dadas em sua paisagem onírica por trás das pálpebras fechadas.

Quando uma tragédia lhe acordava de sobressalto, o coração saltando pela boca na escuridão do quarto, ela desistia de dormir novamente, vagava pela casa na tentativa de esquecer o que sonhava, encontrava às vezes o irmão sentado à mesa, e companheiros em sua insônia, conversavam diante de xícaras de chá, esperando a luz da manhã irromper pelas cortinas da cozinha.

Nenhum sonho sequer cruzara a soleira da porta de seu sono quando o irmão morrera em um naufrágio, a notícia se apresentara ordinária no seu despertar como era para quase todas as pessoas. Nunca soube dizer se a falta de aviso havia sido uma dádiva ou uma ironia cruel. Contudo, rezaria para qualquer entidade que não acreditava se isso significasse não saber de antemão a morte de um ente querido, queria o conforto da ignorância no que dizia respeito às irmãs.

Seus sonhos ficavam mais confusos a cada dia que passava, um emaranhado de imagens que colidiam vivas em seu enigma. Acordava com um senso de urgência de quem tenta alcançar algo que se esfacela até desaparecer por completo, tudo ao redor se unia em uma clara mensagem: uma tempestade viria.

Ela costumava observar a vida correndo por entre as veias da floresta em seu caminho para casa; as folhas estalando sob a sola dos sapatos e as asas das fadas que capturavam a luz como se fosse sua, dentes protuberantes saindo de bocas minúsculas, aquelas pequenas criaturas a olhavam de volta sem sua costumeira malícia. Ultimamente ficara cada dia mais raro de presenciar sequer um mero vislumbre delas.

As ninfas que atraíam seu olhar no passado andavam com vinhas enroscando em seus tornozelos, árvores inteiras cresciam sob seus toques, as lágrimas de seus rostos tornavam-se sementes no solo onde caíam. Era algo que faziam sem esforço, estava atrelado às suas existências como raízes na terra, a natureza as tinha amado primeiro, todo o resto vinha depois. Contudo, agora, elas sorriam e apenas margaridas brotavam do solo,

um toque resultaria em um botão de rosa e nada mais, comportavam-se como se estivessem com algo faltando, uma saudade sem nome.

A última vez que atravessara a floresta um cervo a seguira até os arredores de sua propriedade, ela sabia que aquele era um espírito da floresta pelos olhos, os olhos cinzentos irradiavam algo antigo e familiar, encarava-a imóvel, fazendo-a pensar se aquilo era uma mensagem, mais um sinal de um acontecimento do qual tinha a certeza que viria e ainda assim estava tomada pela ignorância ou se era apenas um cumprimento, dois seres antigos que estariam às portas do fim do mundo dividindo a mesma incerteza, talvez envelhecer fosse isso, presenciar finais até imergir sem conhecer mais nada. Teria que se acostumar com não saber.